



CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA E CONTROLE

REQUERIMENTO Nº _____, DE 2011
(dos Srs. Duarte Nogueira e Nilson Leitão)

Requerem que seja convocado o Sr. **Fernando Bezerra Coelho**, Ministro da Integração Nacional, para prestar esclarecimentos a esta Comissão acerca de notícias veiculadas na imprensa nacional sobre o abandono das obras de transposição do Rio São Francisco pelo Governo Federal, obras essas que estão sob a responsabilidade do Ministério da Integração Nacional.

Senhor Presidente

Requeremos a V. Exa. com base no art. 50 da Constituição Federal e nos termos do art. 24, inciso IV do Regimento Interno da Câmara dos Deputados que, ouvido o plenário, se digne a adotar as providências necessárias para **convocar** o Sr. **Fernando Bezerra Coelho**, Ministro da Integração Nacional, para prestar esclarecimentos a esta Comissão acerca de notícias veiculadas na imprensa nacional sobre as inconclusas obras de transposição do Rio São Francisco, iniciadas em 2007 e que de acordo com a imprensa nacional estão sendo abandonadas pelas empreiteiras encarregadas de construí-las

.

JUSTIFICAÇÃO

Reportagens recentemente publicadas pela imprensa nacional dão conta do abandono em que se encontram as obras de transposição do Rio São Francisco como a seguir transcritas.



Segue notícia publicada no Jornal “O Estado de São Paulo”:

Promessa de campanha, obra no Rio São Francisco para

Abandono é marcante ao longo dos canais para a transposição; governo diz que houve "desaceleração" Cenário de propaganda eleitoral da presidente Dilma Rousseff e responsável por parte da votação recebida por ela no Nordeste, a Transposição do Rio São Francisco foi abandonada por construtoras e o trabalho feito começa a se perder. Durante três dias a reportagem do Estado percorreu 100 km dos canais da obra. O abandono foi a tônica da viagem. O Ministério da Integração Nacional diz que a conservação do que já foi feito é de responsabilidade das empresas contratadas e que não se trata de interrupção das obras, mas de "desaceleração".

Governo abandona transposição do São Francisco após eleição de Dilma

EDUARDO BRESCIANI , ESTADÃO.COM.BR, WILSON PEDROSA, ENVIADOS ESPECIAIS , FLORESTA (PE) - O Estado de S.Paulo

Cenário de propaganda eleitoral da presidente Dilma Rousseff e responsável por parte de sua expressiva votação recebida no Nordeste, a transposição do Rio São Francisco foi abandonada por construtoras e o trabalho feito começa a se perder. O Estado percorreu alguns trechos da obra em Pernambuco na semana passada e encontrou estruturas de concreto estouradas e com rachaduras, vergalhões de aço abandonados e diversos trechos em que o concreto fica lado a lado com a terra seca do sertão nordestino.

O Ministério da Integração Nacional afirma que é de responsabilidade das empresas contratadas a conservação do que já foi feito e que caberá a elas refazer o que está se deteriorando. Informa ainda que vai promover novas licitações em 2012 para as chamadas obras complementares, trechos em que a pasta e as empreiteiras não conseguiram chegar a um acordo sobre preço. Segundo o ministério, as obras estão paralisadas em 6 dos 14 lotes e em um deles o serviço ainda será licitado. Marcada por controvérsias, a obra da transposição começou a sair do papel em 2007 e, no ano seguinte, com os canteiros em pleno funcionamento, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e sua então ministra-chefe da Casa



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Civil e mãe do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) fizeram uma vistoria pela região para fazer propaganda da ação. Os dividendos eleitorais foram colhidos no ano passado por Dilma. Em Pernambuco, Estado onde começa o desvio das águas, ela obteve mais de 75% dos votos válidos no segundo turno da eleição. Nas cidades visitadas pelo Estado, onde as obras estão agora abandonadas, o desempenho foi ainda melhor. Em Floresta, a presidente obteve 86,3%; em Cabrobó e Custódia, 90,7%; e em Betânia, 95,4%.

Prometida para o final do governo Lula, a obra tem seu prazo de entrega sucessivamente adiado. A nova previsão é concluir os 220 quilômetros do eixo leste, de Floresta a Monteiro (PB), até o fim de 2014 e terminar no ano seguinte os 402 quilômetros do eixo norte, que sai de Cabrobó para levar água ao Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte.

A obra está atualmente orçada em R\$ 6,8 bilhões, 36% a mais do que a projeção inicial. Segundo o ministério, foram empenhados R\$ 3,8 bilhões para a obra e pagos R\$ 2,7 bilhões às construtoras.

Abandono. Durante três dias, a reportagem percorreu cerca de 100 quilômetros da extensão dos canais da obra. O abandono foi a tônica da viagem, com canteiros completamente parados. As únicas exceções foram as partes da transposição sob responsabilidade do Exército.

Em um dos trechos visitados, na divisa das cidades pernambucanas de Betânia e Custódia, cerca de 500 metros de concreto estão totalmente quebrados, com pedaços se soltando do solo. Esse trecho terá de ser refeito para a água do São Francisco passar. O padre Sebastião Gonçalves, da diocese de Floresta, foi quem encontrou o trecho destruído durante vistoria frequente que faz pelas obras. "As empresas abandonaram as obras e já começou a se perder o trabalho feito. É um desperdício inexplicável."

A parte que aparece com as maiores avarias está no lote 10 da obra, que teve as obras iniciadas pelas construtoras Emsa e Mendes Júnior.

Segundo moradores da região, as máquinas começaram a ser retiradas desde o início do ano passado. Há cerca de dois meses, os funcionários foram demitidos, deixando os alojamentos como aspecto de cidade fantasma, onde só restam vigias e alguns funcionários administrativos.

"É uma situação caótica, está tudo parado", reclama Manoel Joaquim da Silva, coordenador do sindicato dos agricultores familiares de Floresta e companhia constante do padre Sebastião Gonçalves no acompanhamento das



obras.

A Mendes Júnior informou não participar mais do consórcio, enquanto a Emsa não enviou respostas aos questionamentos. O Ministério da Integração disse já ter sido informado das rachaduras e notificado a Emsa por meio de ofício no dia 26 de outubro. Segundo a pasta, as obras da empresa serão retomadas em janeiro de 2012. A reportagem encontrou início de deterioração em outro lote da obra, o de número 9, também no eixo leste. Paredes de concreto começam a rachar próximo ao local onde será construído o aqueduto sobre a BR-316, também em Floresta. Em outra área, vergalhões de aço para a construção de uma ponte para o canal passar foram abandonados e parte do material já foi até roubado. O lote é de responsabilidade das construtoras Camter e Egesa. O Estado não recebeu resposta da Egesa e não conseguiu contato com a Camter.

Contraste. No eixo norte, o contraste entre as obras do Exército e o abandono por parte das empreiteiras está bem próximo. Dez quilômetros à frente de onde homens fardados seguem seu trabalho, há um canteiro abandonado do Consórcio Águas do São Francisco ainda com máquinas para a fabricação de concreto que sequer foram retiradas. Percorrendo mais dez quilômetros, encontra-se um grande vão onde as explosões foram feitas, mas o canal ainda não recebeu concreto.

Passado o investimento, ficou o prejuízo

Paralisação dos canteiros derrubou movimento no comércio e deixou moradores sem emprego.

A paralisação em diversos trechos das obras da transposição do Rio São Francisco provocou demissões em massa e colocou em dificuldades pequenos empresários que fizeram investimentos de olho na movimentação dos operários. O cenário de alojamentos fantasmas representa um prejuízo para uma região já pouco acostumada a investimentos.

A comerciante Rosa Feliciano Rodrigues investiu recursos próprios para fazer um mercadinho na residência em que mora na Agrovila 6, no município de Floresta (PE). Depois de cerca de um ano de movimento forte, ela viu sua clientela sumir aos poucos com a redução dos ritmos das obras. Diz ter levado calote de alguns dos trabalhadores e agora tem deixado o comércio desabastecido para não ter prejuízos maiores.

"Foi um ano de bom movimento, depois foi parando. De uns quatro meses para cá não tem mais ninguém. Não tenho comprado mais mercadorias por não ter pra quem



vender", conta ela, que hoje deixa apenas entreaberta a porta do estabelecimento. O desemprego também atingiu os moradores da região que foram recrutados para trabalhar nos canteiros de obras. Gerson José de Lisboa trabalhou durante dois anos e oito meses na transposição como operador de motosserra e armador de ferragens. Em junho, foi demitido sob a justificativa da paralisação. "Tem uma promessa de voltar em janeiro. Se não tiver como, vou ter que voltar para a roça", conforma-se Gerson, que recebia R\$ 792 por mês. Seu irmão, José Edison de Lisboa, também trabalhou na obra, mas já tinha deixado a atividade antes, em 2010, por causa do baixo salário. "Na época a gente recebia só R\$ 600. Não dava para continuar", disse.

O Ministério da Integração Nacional afirmou que a obra chegou a contar com 9 mil trabalhadores, e atualmente tem apenas 3,8 mil pessoas atuando nos canteiros. A pasta informa, porém, não haver mais possibilidade de recuperar todos os postos de trabalho porque o estágio atual do empreendimento necessita de menos mão de obra. A expectativa é que, no final de 2012, quando as ações retomarem o ritmo forte, 6 mil operários estejam atuando na transposição.

Outra preocupação de operários demitidos é com dificuldades futuras. O coordenador do sindicato dos agricultores familiares de Floresta, Manoel Joaquim da Silva, destaca que alguns dos agricultores da região atuaram na obra e poderão ter problemas para se aposentar. "Essas pessoas 'sujaram' a carteira e foram demitidas em pouco tempo. Agora vão ter problema para conseguir uma aposentadoria rural no futuro", aponta. Na visão dele, a oportunidade de trabalho não foi boa para quem largou seu cotidiano na agricultura porque, no final, teve de retornar à atividade de origem sem conseguir ganho profissional. / E.B. e W.P.

Na rota do canal, posto de saúde e assentamento

Problemas causados pela construção, como rachaduras nas casas decorrentes das explosões, preocupam moradores de regiões do entorno da obra Eduardo Bresciani, Estadão.com.br e Wilson Pedrosa, Enviados especiais, FLORESTA (PE)

Mesmo com a obra em andamento há cerca de três anos, pendências sobre a transposição do Rio São Francisco ainda não foram totalmente resolvidas junto aos moradores das regiões que terão a paisagem mudada pelo canal. Problemas de pequenas comunidades que podem perder



CÂMARA DOS DEPUTADOS

serviços essenciais, como um posto de saúde, não foram solucionados. Rachaduras em casas decorrentes das explosões para a construção também trazem preocupações a moradores.

Governo abandona transposição do São Francisco após eleição de Dilma

Passado o investimento, ficou o prejuízo

No assentamento Serra Negra, distante 65 km do centro de Floresta (PE), a preocupação maior é sobre o que será feito com o posto de saúde do local. A construção que abriga o posto está na rota da transposição e até agora os moradores não sabem qual será a solução. Segundo Edilene Alves, agente de saúde que trabalha no local há 15 anos, são feitos cerca de 40 atendimentos por dia na unidade.

"Se o posto fechar vai ser um caos porque as pessoas da região vão ter que ir para o centro de Floresta", conta ela, lembrando que 400 famílias são cadastradas no posto de saúde.

Na mesma localidade, moradores ainda esperam solução para danos provocados pela obra. A aposentada Maria do Socorro da Silva, de 61 anos, convive com o "medo de sua casa cair" desde o ano passado. A residência está com rachaduras que vão do teto até o chão na sala, em um dos quartos e na cozinha. Segundo ela, o problema é resultado da detonação de explosivos para a formação do canal, que passará a cerca de 300 metros de sua casa. Maria do Socorro conta ter recebido uma visita de um encarregado da obra. "Ele veio, olhou, mas não resolveu nada até hoje."

O Ministério da Integração afirma já ter encontrado uma solução para o problema do posto de saúde. De acordo com a assessoria, serão repassados recursos para a Prefeitura de Floresta construir uma nova unidade de atendimento na localidade em algum terreno que não será desapropriado. Não foi informado, porém, o prazo para esta ação.

Em relação às rachaduras nas casas, o ministério afirmou que analisa as reclamações dos moradores e comunica às empresas para providenciar reparos. Benefícios. O assentamento Serra Negra foi oficializado em 1990, mas até hoje não tem água encanada. Carros pipas foram colocados a disposição para atender aos moradores e os poucos poços furados também tem escassez de água. Vizinha do canal, a comunidade espera conseguir acesso aos benefícios da obra, mas ainda não está definido de que forma isso poderá ser feito. Em outros trechos, cercas já



CÂMARA DOS DEPUTADOS

foram colocadas para impedir que qualquer pessoa possa chegar ao local.”

Como se pode perceber, a notícia diz respeito à obra de grande relevo e interesse nacional. A confirmarem-se as denúncias publicadas, está-se diante de grave situação, que afeta diretamente bens e interesses da União, bem como o próprio erário federal, justificando, nessa medida, a atuação fiscalizadora desta Casa de Leis e, em especial, desta Comissão.

Destarte, a convocação que ora requeremos é fundamental para o esclarecimento dos fatos, no desempenho de nossas atribuições constitucionais de acompanhamento das ações do Poder Executivo.

Sala das Sessões, em 06 de dezembro de 2011.

Deputado **DUARTE NOGUEIRA**
PSDB/SP

Deputado **NILSON LEITÃO**
PSDB/MT